

Os riscos e os limites de um desvio curricular: Relato de experiência de um pesquisador/torcedor sobre moralidades e masculinidades no futebol¹

Felipe Carlos Damasceno e Silva (PPGA – UFPA/PA)

Palavras-chave: Currículo. Masculinidades. Futebol.

1 Introdução

Ademais, memória das coisas e memórias de mim e memória de mim mesmo coincidem: aí encontro também a mim mesmo, lembro-me de mim, do que fiz, quando e onde fiz e da impressão que tive ao fazê-lo. (Paul Ricoeur)

O futebol é um fato social total brasileiro (GASTALDO, 2013; CORNELSEN, BRINATI; GUIMARÃES, 2020), pois influencia, em grande parte, os acontecimentos sociais do país, dentre eles, as construções das masculinidades identificadas em nossa sociedade. E comigo não foi diferente, pois desde os 11 anos – há 23 anos – que frequento os estádios de futebol em Belém do Pará para assistir aos jogos do Clube do Remo – time que aprendi a torcer e amar incondicionalmente, incentivado pelo meu pai desde os meus primeiros momentos de vida.

Ao longo desses anos, visando consolidar-me como um torcedor, aliei-me a distintos grupos de torcedores e, diversas vezes, performatizei práticas sexistas, racistas, capacitistas, ageístas, xenófobas e homofóbicas, sem me preocupar com as consequências de tais atos, visto que eles costumam ser naturalizados nos ambientes futebolísticos como sendo parte do ‘espetáculo’.

As experiências aqui citadas estão situadas no campo do gênero, sendo este “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1985, p. 21). Butler (2013, p. 27) complementa afirmando que “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero”.

¹Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Já a noção de masculinidades empregada aqui é compreendida como processos de construções indenitárias acerca de como homens devem ser comportar nas relações de gênero em sociedade. Por serem múltiplas as formas, o termo é utilizado no plural (CONNEL, 1995), e estas formas podem variar de acordo com fatores endógenos e exógenos em cada cultura, tempo, lugares e em momentos distintos da trajetória de vida de um homem. (KIMMEL, 1998).

Como currículo de masculinidades nos estádios de futebol, Bandeira (2009, p. 19) entende ser “uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer”. E acrescenta que:

Os materiais didáticos dessas construções são múltiplos. Os repetidos cânticos da torcida, os artigos, os comentários veiculados nos jornais, as manifestações oficiais do clube através de peças publicitárias ou via auto-falante nos dias de jogos. (BANDEIRA, 2009, p. 108).

A seguir, intento mostrar um pouco da construção do currículo de masculinidades nos estádios de futebol, construído ao longo desses 23 anos como torcedor do Clube do Remo.

2 “Te sigo desde pequeno...”

O trecho da música acima, entoada em jogos do Remo pela Barra Brava Camisa 33, remete-me à minha iniciação no universo do torcer para um clube de futebol. O ano era 1993, na época, eu tinha apenas cinco anos. Logo nas primeiras horas da noite de um domingo, o meu pai chegava em casa em aparente estado de embriaguez, e resolve colocar para tocar em volume alto uma fita K-7 gravada unicamente com o hino do Clube do Remo. Em seguida, ele vai para o quintal atirar para o alto com o seu revólver calibre 38, seguido de choro e gritos: “Leão, porra!”. Enquanto isso, minha mãe e eu chorávamos de medo e pedíamos para ele parar. Aquela cena se repetia algumas vezes quando o Remo ganhava algum título. Foram essas as primeiras sensações que esse Clube me proporcionou em vida.

Dois anos depois, em 1995, aos sete anos, eu estreava nos estádios, durante a partida Clube do Remo 4 x 1 Ceará, valendo pelo campeonato brasileiro da Série B, no estádio Evandro de Almeida – popularmente conhecido como Baenão – do Clube do Remo, em Belém do Pará, acompanhado pelo meu pai, irmão e um primo. Quase tudo me causou surpresa naquele lugar. Passei mais tempo observando os cânticos, coreografias e

bandeirões das torcidas organizadas do que o jogo em si. Para aumentar o meu fascínio, arreou uma chuva tamanha que o gramado alagou a ponto de o sistema de irrigação do estádio colapsar. Isso fez com que a partida ficasse paralisada por cerca de 30 minutos, e, como solução, cerca de 20 torcedores homens e jovens pularam o alambrado para ajudar a escoar a água empossada, dentre eles, o meu irmão e primo. Naquele momento, iniciei em mim um sentimento de pertencimento clubístico (DAMO, 1998) com o Clube do Remo. A respeito desse fenômeno, Gastaldo (2006, p. 01) acrescenta que:

Vincular-se a um “time do coração” é, no Brasil, uma escolha importante, frequentemente mediada por relações familiares, e que inscreve o torcedor em um complexo sistema de classificações, que estabelece aliados e adversários instantaneamente, articulando lógicas indenitárias em âmbito local, regional, nacional e internacional.

Depois do primeiro contato com um estádio, passei cinco anos para retornar – por conta da censura da minha mãe, em decorrência da minha idade e perigos característicos de tais locais –, mas isso não impediu de eu me tornar um torcedor engajado com meu Clube, pois eu ouvia as partidas por uma emissora local de rádio AM. Além disso, eu acompanhava grande parte da programação futebolística dessa emissora que abordasse sobre o meu Clube e gols das partidas nos programas televisivos após os jogos.

3 “Vai, vai... vai pro chiqueiro vai filha da puta vai...”

A frase acima é entoada em tom de ‘grito de guerra’, nas arquibancadas, em dias de jogos entre Clube do Remo x Paysandu Sport Club, pela torcida do time que sai vencedor à torcida do perdedor ao se retirarem do estádio. O meu primeiro contato com ela foi logo na minha segunda ida a um estádio, já no ano de 1999, aos meus 12 anos; dessa vez junto apenas com o meu pai. Nesse dia, o Clube do Remo vencera por 2x1 o Paysandu Sport Club – seu maior rival – no estádio estadual Jornalista Edgar Proença, mais conhecido como Mangueirão. Nesse dia, fui apresentado a outras novidades.

Na época, o referido estádio possuía apenas uma rampa de acesso às arquibancadas, que tinha de ser dividida entre as torcidas rivais, gerando muitas ocorrências de brigas, tanto que ficamos entre uma na entrada e outra saída – ambas protagonizadas por torcedores organizados rivais. Para agravar mais ainda a situação, tínhamos que subir a rampa olhando para cima, pois era comum alguns torcedores, situados nos bares da área das arquibancadas, arremessarem copos cheios de urina em

quem estivesse subindo as rampas, prática essa também muito comum nas arquibancadas naquele tempo.

O ato de arremessar copos com urina funcionava da seguinte forma: quando o Clube do Remo atacava, as pessoas tinham que ficar de pé, mas quando fosse atacado, as pessoas deveriam sentar-se nas arquibancadas; e, quando isso não ocorria, os torcedores do andar de cima gritavam “olha o mijo...”. Na reincidência, pessoas situadas na parte superior da arquibancada enchiam de mijo copos descartáveis de 600 ml onde as cervejas eram servidas. Elas arremessavam na direção de quem infringisse a norma, causando revolta em quem era atingido e brigas quando o arremessador era descoberto, sendo esta uma prática exclusivamente praticada por homens.

Vale pontuar que, até a primeira década dos anos 2000, a presença de mulheres nos estádios durante os jogos do Clube do Remo era pouca. E as que iam, independentemente de estar acompanhadas ou não, também eram assediadas, e por homens da própria torcida do Clube do Remo. Testemunhei isso em várias ocasiões. Outra forma recorrente até hoje de se manifestar às mulheres da torcida rival nos espaços comuns às duas torcidas ao redor do estádio, em dias de jogos contra o Paysandu Sport Club, era através de gritos como: “Ei, vagabunda, larga esse corno e vem me dá!”; “ei, safada, larga esse viado!” etc. Isso tudo em tom hostil comum das “relações jocosas futebolísticas” (GASTALDO, 2006, p. 03).

Ao chegar na arquibancada, assim como na primeira experiência, passei mais tempo olhando os detalhes de ambas as torcidas presentes e buscando aprender as músicas e ‘gritos de guerra’ do que para a partida disputada. Além da primeira música, chamaram-me atenção outras com teor semelhante, a exemplo do cântico: “oooô... todo viado que eu conheço é bicolor...”. Cântico cantado por toda a torcida do Clube do Remo naquele dia, sobretudo pela Torcida Organizada Remoçada – TOR – do Clube do Remo, que direcionava à Torcida Uniformizada Terror Bicolor – TUTB – do Paysandu Sport Club na mesma ocasião:

E meia noite lá no morro a remoçada gritou... o tira a mão do meu pau... e o terrorista que passava começou a passar mal... foi no cinema que a terror aprendeu a namorar... chupando a pica da moçada que estava a cochilar... e a moçada acordou... olhando aquela bunda branca bateu bronha e gozou... aquela mancha no tapete parecia mingau... mas não era mingau... era a terror no meu pau... Sou eu, sou eu, sou eu sou Remoçada sou eu... (Grito de guerra da Torcida Organizada Remoçada. Autoria desconhecida).

A cada música ou ‘grito de guerra’ aprendido, a minha empolgação aumentava. Naquele ano e no ano seguinte, meu pai e eu não perdemos mais nenhuma partida entre o Clube do Remo e o seu maior rival, além de outros jogos de caráter decisivo (semifinais e finais de campeonatos). O meu pai, sempre ao meu lado em alguns dos ‘gritos de guerra’ e cânticos, agia como um maestro me olhando, cantando e gesticulando com a boca, para facilitar o meu aprendizado. Foi dois anos intensos, visto que o Clube do Remo estava com um time competitivo e grade volume de jogos no mês. Logo pude aprender muita coisa, mas ainda faltavam algumas coisas importantes para eu me consolidar como um torcedor frequentador de estádio.

4 “Joguem como bebemos”

Com o tempo, o meu pai passou a ficar mais seletivo em virtude de questões econômicas, indo apenas para jogos decisivos. Já eu queira estar em todos os jogos. Foi então que criei asas.

Em 2002, aos 14 anos, passei a ir sozinho aos estádios. O meu pai não aprovava, mas também não me impedia de ir. O mecanismo que ele utilizava para tentar me barrar era não me dar dinheiro, mas eu criei as minhas estratégias para sanar isso. A mais utilizada era passar de casa em casa de familiar para pedir um pouco de dinheiro. Em pouco tempo, eu ingressara na maior torcida organizada do meu Clube e recebia o apoio dos meus colegas de torcida ao coletarem o meu ingresso e passagens de ônibus quando não tinha. Em última instância, eu ia sem nada e pedia a outros torcedores que encontrava nas redondezas do estádio até conseguir o valor do ingresso. Práticas essas comuns em algumas torcidas organizadas, que funcionam em caráter de irmandade.

Como em uma torcida organizada se deve cantar durante o jogo inteiro, a sede era constante. Nesse sentido, foram inúmeras as vezes em que eu, sem dinheiro para comprar água, juntei latas de cerveja ou refrigerante, várias do chão, e pedi para que algum trabalhador dos bares do estádio enchesse com a água de gelo derretido que ficava acumulada no fundo das geleiras para eu tomar.

A necessidade de manter a garganta hidratada para cantar, aliada ao grande apelo ao consumo de bebidas alcoólicas no âmbito do torcer, fez-me acrescentar essa nova atividade ao meu currículo de torcedor. De início, eu bebia coquetéis de cachaça com suco de maracujá e açúcar, conhecidos localmente como “batida”, ou sangrias de vinho adoçadas de qualidade baixa. A escolha da bebida tinha como parâmetro o menor preço.

A frase citada no início deste tópico faz referência a uma faixa de aproximadamente 40 metros, que é estendida em dias de jogos na área do estacionamento externo ao estádio, local onde grande parte dos torcedores se concentram horas antes dos jogos para o aquecimento – bate-papo, ouvir músicas, comer, consumir bebidas alcoólicas e, em alguns casos, outras drogas.

Assim como essa, há várias outras referências materiais e imateriais ao consumo de bebidas alcoólicas nos estádios durante os jogos do Clube do Remo, como as faixas e uniformes da Torcida Organizada Remo Chopp, a tenda armada no estacionamento em dias de jogo, onde se reúne um grupo de torcedores intitulado “Cervejeiros Azulinos”, o trecho da música puxada pela Barra Brava Camisa 33 (“Sou cachaceiro, sim, senhor, e bebo todas que vier...”) e pela Torcida Organizada Remoçada (“Com a camisa azulina e a cachaça na mão...”), entre outras.

Minha relação com o consumo de álcool nos estádios aumentou tanto no decorrer dos anos que são vários os jogos que fui e, no dia seguinte, sequer lembrava do placar, o que, além da minha segurança, colocava em jogo a minha própria masculinidade, conforme aponta Gastaldo (2006, p. 17):

Na medida em que a autonomia é um valor importante nesta lógica da identidade masculina, o consumo reiterado de bebidas alcoólicas é também, ele próprio, um desafio, o de “garantir a si mesmo”, de não depender de ninguém. Uma pessoa embriagada, que dependa de outra para caminhar ou para chegar em casa, nessa perspectiva, descredita-se a um pleno desempenho do papel masculino.

O consumo excessivo de bebidas alcoólicas nos estádios é também “apontado como corresponsável pela violência nos eventos futebolísticos” (BANDEIRA, 2009, p. 69).

5 “ Vem... vem... vem pra porrada vem filho da puta vem...”

Assim se costuma cantar para a torcida do maior rival em resposta aos xingamentos quando o Clube do Remo perde o jogo. Com o aumento do meu engajamento em uma torcida organizada, passei a me envolver com atos de violência – não que isso seja uma premissa das torcidas organizadas –, mas, no auge da minha adolescência, agir assim me parecia conveniente. Nunca cheguei às vias de fato com nenhum torcedor rival. Basicamente, envolvia-me em trocas de arremessos de pedras, rojões, roubo de camisas para serem exibidas como troféus nas arquibancadas durante os jogos e correrias de um

grupo atrás de outro. Fiquei durante quatro anos nessa torcida, e hoje vejo o quanto os meus privilégios por ser homem, branco e morador de um conjunto residencial bem estruturado à época justificam o fato de eu ter saído ileso. Digo isso, pois alguns colegas que fiz na época, que eram negros e moradores das periferias, não tiveram destino semelhante, fruto do racismo enraizado em nossa sociedade. Reconhecer hoje os privilégios do meu lugar de fala é o mínimo que posso fazer pela luta antirracista. (RIBEIRO, 2017).

Para não dizer que não sofri nenhum prejuízo, no ano de 2004, em um dos confrontos citados, eu fui acertado com uma pedra no rosto, fazendo com que o meu maxilar afundasse a ponto de ter sido submetido a uma cirurgia de reconstituição. E, no ano de 2005, após o Clube do Remo ter conquistado o título de campeão brasileiro da série C, eu me envolvi em uma briga alcoolizada, que resultou em uma fratura no meu nariz.

6 “Torcedor do Remo que fez cocô no mictório do Mangueirão reclama da estrutura do estádio”

No ano de 2016, após as tensões que desembocaram no golpe parlamentar que destituiu do poder a primeira presidenta eleita no Brasil – Dilma Rousseff –, passei a atentar para as relações de gênero; e, no ano de 2017, ingressei em um grupo de pesquisa, de caráter antirracista e antissexista, na Universidade Federal do Pará. O aprendizado adquirido neste grupo me proporcionou certa sensibilidade quanto à importância de se combater as opressões nos ambientes futebolísticos e na sociedade de modo geral. Essas pequenas mudanças de postura, associadas às tensões oriundas da polarização ideológica cada vez mais crescentes no país, fez com que eu me afastasse de alguns grupos de torcedores do meu Clube e mantivesse relações cada vez mais instáveis com outros.

Até que, no primeiro semestre do ano de 2019, um fato ocorrido comigo durante um jogo entre o Clube do Remo x Paysandu Sport Club sacudiu a minha vida. Era um domingo do ano de 2019, e o Clube do Remo iria jogar contra o seu maior rival, às 16:00, no estádio Mangueirão, valendo pelo campeonato brasileiro da série C. Comecei a beber às 9:00 com uns primos e amigos na casa de um deles. Às 14:00, fomos até o hotel onde a delegação do Clube do Remo estava hospedada para manifestar apoio aos jogadores durante o embarque no ônibus e de lá nos dirigimos ao estádio para assistir à partida.

Nesse dia, mais uma vez, o exagero no álcool foi tamanho que as últimas lembranças que tenho são dos jogadores embarcando no ônibus na frente do hotel. Já dentro do estádio, os meus primos e amigos relatam que eu senti dor de barriga e fui às pressas a um dos banheiros dos estádios. Para minha infelicidade, eu entrei em um banheiro que tinha apenas mictórios e não tive escolha ao ter que cagar lá mesmo. Naquele momento, ao perder o controle sobre mim, eu quebrava os parâmetros de moralidade aceitos entre torcedores de futebol.

Na ocasião, fui seguido por um primo de segundo grau, que filmou o ato e compartilhou em um dos grupos de homosociabilidade masculina em aplicativos de troca de mensagens por celular que estávamos juntos. Outras pessoas, membros deste grupo que haviam se envolvido semanas antes em discussões políticas acirradas comigo, aproveitaram a oportunidade para compartilhar o vídeo em outros grupos visando me desmoralizar.

No dia seguinte, além da chuva de memes, ligações e mensagens de amigos e familiares, fui procurado por um jornalista de um grande veículo de comunicação de nível nacional, sendo informado que o fato ocorrido comigo era um dos mais comentados do futebol brasileiro daquele final de semana e se eu gostaria de conceder uma entrevista esclarecendo sobre o corrido. Além de ter topado a entrevista², eu solicitei que fossem anexados a ela trechos de uma nota que eu havia publicado em uma rede social sobre o assunto. O título deste tópico refere-se ao título da matéria sobre esse episódio, que foi ao ar no site UOL.

Para agravar de vez a situação, algumas pessoas que acessaram a nota, ao identificarem as minhas escolhas ideológicas, passaram a me atacar com ameaças através de mensagens anônimas ou perfis falsos, além de ter sido criada uma notícia falsa de que eu era um esturpador de crianças. Para isso, pegaram a minha foto do perfil da rede social Facebook, agregaram a ela fotos de crianças com sinais de tortura e um texto me acusando de ter cometido tais crimes.

Visando manter a minha integridade física, fui remanejado para outra cidade pela empresa que eu prestava consultoria nas pesquisas arqueológicas. Cidade onde permaneci por dois meses, e fui obrigado a passar mais de um ano sem utilizar algumas redes sociais. Chamou-me atenção o fato de ter sido repreendido também por torcedores do meu próprio

² Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/03/28/video-de-torcedor-fazendo-coco-vira-protesto-contra-estrutura-de-estadio.htm>.

Clube, pois, de acordo com alguns deles, o meu ato colocou em xeque a moral da nossa torcida.

7 Remo Antifascista, as novas alianças.

Ao retornar para Belém do Pará, passei mais um tempo sem frequentar os estádios de futebol, tendo acumulado mais de 90 dias assim. Nesse período, ingressei no movimento Remo Antifascista. Trata-se de um movimento social composto por torcedores do clube do Remo que, além do combater o fascismo em toda sociedade, luta pela democratização do acesso e permanência nos estádios de futebol e por novas práticas de torcer sem opressões sociais nos estádios, onde permaneço até hoje.

Outra mudança também ocorreu na minha trajetória acadêmica, pois, antes do ocorrido, eu estava convicto de pesquisar no Mestrado sobre as relações entre o patrimônio arqueológico pré-colonial e os relatos de assombrações no estado do Pará. Porém, a situação vivenciada por mim me instigou a pesquisar sobre construções curriculares de masculinidades entre torcedores do meu Clube nos estádios de futebol na cidade em que moro.

8 Conclusão

Minha intenção com este trabalho não foi dar ênfase à minha história de vida, mas, sim, mostrar como ela tem influenciado a minha trajetória acadêmica no campo da antropologia. A urgência de novas pesquisas antropológicas e interdisciplinares que possam subsidiar políticas públicas de combate às opressões nos ambientes futebolísticos se mostra através dos relatos trazidos neste texto. É imensurável a influência do futebol nas violências de gênero na sociedade brasileira, portanto, é um dever das ciências humanas dar conta de novas abordagens sobre o assunto, que possam vir a contribuir com as transformações sociais almejadas. É partindo desses compromissos que pretendo dar continuidade nessa pesquisa de Mestrado.

Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”**: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado

em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORNELSEN; BRINATI; GUIMARÃES (org.). Futebol, Fato Social Total. **Viva Voz**. FALE/UFMG: Belo Horizonte. 2020.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. 2012. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p 185-206, 1995.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

GASTALDO, Édison. Futebol e performances de gênero: Notas Etnográficas sobre as relações jocosas futebolísticas. **Anais do 30º Encontro Anual da ANPOCS**, 2006.

_____. Futebol midiaticizado e sociabilidade masculina: apontamentos etnográficos. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 25., 2006, Goiânia. **Anais [...]**. Brasília, DF: Associação Nacional de Antropologia, 2006.

_____. O fato social total brasileiro: Uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da Copa do Mundo no Brasil. **Horizontes antropológicos**, n. 40, p. 185-200, 2013.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

RICOEUR, Paul. Memória Pessoal, Memória Coletiva. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 105-150. 151-191.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

SCOTT. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.